



Definição Tripartida do Conhecimento

Platão (c. 429 - 347 a.C.)

Trechos transcritos das seguintes traduções: (1) *Teeteto* (c. 360-355 a.C.), trad. F. Melro, Inquérito, Lisboa, s/d, pp. 156-9. (2) *Mênon* (c. 387-380 a.C.), trad. J. Paleikat, in: *Diálogos I*, Tecnoprint (Ediouro), Rio de Janeiro, s/d, pp. 44-74, trecho nas pp. 71-2. Na transcrição, algumas modificações foram feitas, grafias foram modernizadas, e o termo “ciência” foi traduzido como “conhecimento”.

Transcrição feita para o curso de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência I (FLF0368), prof. Osvaldo Pessoa Jr., 2º semestre de 2010.

Teeteto (200d-201d)

SÓCRATES – Mas, voltando ao início da discussão, como é que poderíamos definir o conhecimento [*gnosis*]? Não vamos desistir da investigação, presumo eu.

TEETETO – De modo nenhum, a não ser que tu mesmo desistas.

SÓCRATES – Diz-me, então, qual a melhor definição que poderíamos dar de conhecimento, para não entrarmos em contradição conosco mesmos.

TEETETO – É exatamente a que já procurámos dar, Sócrates. Da minha parte, não vejo outra.

SÓCRATES – Qual é ela?

TEETETO – Que a opinião [*doxa*] verdadeira é conhecimento. A opinião verdadeira, parece, é infalível e que tudo o que dela resulta é belo e bom.

SÓCRATES – Não há como experimentar para ver, Teeteto, diz o chefe de fila na passagem do rio. Aqui dá-se o mesmo: o que temos a fazer é avançar na investigação. Talvez venhamos a esbarrar em alguma coisa que nos revele o que procuramos. Se pararmos por aqui, é que não descobriremos nada.

TEETETO – Tens razão. Vamos em frente e examinemos!

SÓCRATES – O problema não exige um estudo prolongado, pois existe toda uma profissão que mostra bem como a opinião verdadeira não é conhecimento.

TEETETO – Como é possível? Que profissão é essa?

SÓCRATES – A desses modelos de sabedoria a que se dá o nome de oradores e advogados. Tais indivíduos, com a sua arte, produzem a convicção, não ensinando, mas sugerindo as opiniões que lhes aprazem. Ou julgas tu que há mestres tão habilidosos que, no pouco tempo concedido pela clépsidra, sejam capazes de ensinar devidamente a verdade acerca de um

roubo ou de qualquer outro crime, a ouvintes que não foram testemunhas do fato?

TEETETO – Não creio, de forma nenhuma. Eles não fazem senão persuadi-los.

SÓCRATES – Mas, para ti, persuadir alguém não será levá-lo a ter uma opinião?

TEETETO – Sem dúvida.

SÓCRATES – Então, quando há juizes que se acham corretamente persuadidos de fatos que só uma testemunha ocular, e mais ninguém, pode saber, não é verdade que, ao julgarem esses fatos por ouvir dizer, depois de terem formado deles uma opinião verdadeira, pronunciam um juízo desprovido de conhecimento, embora tendo um veredicto justo, se deram uma sentença correta?

TEETETO – Com certeza.

SÓCRATES – Mas, meu amigo, se a opinião verdadeira dos juizes e o conhecimento fossem a mesma coisa, nunca o melhor dos juizes teria uma opinião correta sem conhecimento. A verdade, porém, é que se trata de duas coisas diferentes.

TEETETO – Eu mesmo já ouvi alguém fazer essa distinção, Sócrates; tinha-me esquecido dela, mas voltei a lembrar-me. Dizia essa pessoa que a opinião verdadeira acompanhada de razão [*logos*] é conhecimento, e que, desprovida de razão, a opinião está fora do conhecimento e que as coisas que não é possível explicar são incognoscíveis (é a expressão que empregava) e as que é possível explicar são cognoscíveis.

SÓCRATES – Estás a falar bem. Mas como distinguia ele o cognoscível do que não é? Diz-se lá, para ver se o que ouviste está de acordo como o que eu também ouvi.

TEETETO – Não sei se vou ser capaz de lembrar-me. Se, no entanto, ouvir outra pessoa dizê-lo, penso que consigo acompanhar.

Mênon (96d-98a)

MÊNON – O que queres dizer, Sócrates?

SÓCRATES – Eu me explico: estamos de acordo em que os homens bons devem ser capazes de fazer uma obra útil, não é?

MÊNON – É.

SÓCRATES – Concordamos, também, em que esses homens são úteis, se são capazes de bem cuidar de nossos interesses?

MÊNON – Exatamente.

SÓCRATES – Isso, porém, não nos leva a afirmar que só cuidam bem de nós aqueles que são guiados pelo conhecimento?

MÊNON – Que queres dizer?

SÓCRATES – Isto: se alguém, que conhece o caminho que leva a Larissa, ou a qualquer outra cidade, se põe em marcha e para lá conduz os viajantes, não diremos que os conduziu bem?

MÊNON – Sem dúvida!

SÓCRATES – E se outro, que nunca lá foi, sem absolutamente conhecer a rota, não obstante a encontra, por uma conjectura, por uma opinião, não diremos da mesma forma, que esse também para lá os conduziu corretamente?

MÊNON – Como não!

SÓCRATES – Assim pois, enquanto suas conjecturas são exatas ele será, com sua opinião, tão bom guia como o outro com seu conhecimento.

MÊNON – Exatamente.

SÓCRATES – Logo, a opinião verdadeira não é pior guia do que o conhecimento no que respeita à justeza das ações, e foi justamente isto o que olvidamos quando fizemos a análise das qualidades da virtude. Dissemos, então, que só o conhecimento, que só o juízo produz boas obras; agora sabemos que a opinião acertada também possui o mesmo privilégio.

MÊNON – Manifestamente.

SÓCRATES – A opinião certa não é menos útil, pois, que o conhecimento.

MÊNON – Apenas com esta diferença, caro Sócrates: a opinião certa é menos útil do que o conhecimento, pois quem tem o conhecimento acerta sempre, ao passo que está sujeito ora a acertar, ora a errar, quem possui apenas uma opinião certa.

SÓCRATES – Que dizes? Quem possui uma opinião certa acertará tanto quanto perdure essa opinião?

MÊNON – Forçosamente. Mas, então, admiro-me e não consigo explicar por que razão se coloca o

conhecimento em plano mais elevado do que a opinião certa, e, mesmo, por que se faz distinção entre uma e outra!

SÓCRATES – Sabes de onde vem a tua perplexidade? Ou queres que eu diga?

MÊNON – Sem dúvida, quero.

SÓCRATES – É porque não observaste bem as estátuas de Dédalo. Ou, talvez, não tenhas tais coisas em tua terra?

MÊNON – Por que te referes agora às estátuas de Dédalo?

SÓCRATES – Porque elas, se não forem amarradas, escapam e fogem; mas, amarradas, ficam.

MÊNON – E daí ?

SÓCRATES – Daí que possuir uma obra de Dédalo sem tê-la encadeada é como ter um escravo fujão: é não ter nada, é algo que nada vale, porque, livres, ambos fogem, mas uma estátua bem atada vale muito, porque grande é sua beleza. Por que me referi às estátuas de Dédalo? Com que intenção? Pensando nas opiniões certas. Pois estas, da mesma forma, enquanto permanecem, valem um tesouro e só produzem o que é bom; mas não consentem em permanecer muito tempo na alma dos homens, e não demoram muito a escapar, a fugir, o que faz com que não tenham muito valor até o instante em que o homem as amarra, as encadeia, as liga por um raciocínio de causalidade. Ora, caro Mênon, não faz muito que ficamos de acordo em que a reminiscência oferece esta base racional. E assim, pois, quando as opiniões certas são amarradas, transformam-se em ciência, em conhecimento, e, como conhecimento, permanecem estáveis. Por esse motivo é que dizemos ter o conhecimento mais valor do que a opinião certa: o conhecimento se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional.

MÊNON – Por Zeus, Sócrates, como é interessante o que dizes!

SÓCRATES – Todavia, não pretendo saber isso de conhecimento certo; falo por conjectura, por opinião. Mas que a opinião certa e o conhecimento são coisas bem distintas, é coisa que me parece muito mais que uma simples conjectura! E se há, aliás, algumas coisas que eu creia de fato saber, e não sei muitas coisas, essa é uma delas.

MÊNON – Tens razão, Sócrates !